

AS NOVAS CARTAS PORTUGUESAS
e o Processo de Conscientização da Mulher-Século XX

Nelly Novaes Coelho

De ingratas seremos acusadas, estranhas parecendo, logo desencadeando bravas guerras por literárias tidas, porém de raiz mais funda, tecidas, crescidas e aguerridas e parcas vinhas. Mitos desfloramos e desfloradas fomos de consentido. (p. 91).

Extraordinária a lucidez em meio à paixão, com que Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa escreveram estas discutidas NOVAS CARTAS PORTUGUESAS (1), cuja primeira edição lançada em Lisboa em abril de 1972, por Estúdios Cor, não pôde circular livremente em Portugal ou fora dele, porque foi logo apreendida pela Censura.

Na atmosfera opressa dos anos que precederam imediatamente o 25 de abril de 1974, o livro das “três Marias” (como passaram a ser chamadas as autoras) explodiu como bomba invisível e provocou reação imediata do “pensamento oficial” do país. Para quem acompanhava (tão de perto quanto possível, dada a enorme distância que nos separa da terra-matriz) o fenômeno cultural/literário português, foi bastante compreensível a drástica reação oficial, determinando a apreensão dos livros e iniciando um processo judicial contra as “três Marias” por desacato ao pudor e aos bons costumes.

A verdade é que, apesar de aparentemente lúdica e descompromissada, certa linha experimentalista da Literatura Portuguesa, anterior ao “25 de abril”, se mantinha visceralmente comprometida com uma denúncia de raiz: a da total esterilização vital do homem português, levada a efeito por um Sistema totalitário opressivo, e castrador

(1). — Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas* (a. ed.) Lisboa, Editorial Futura, 1974.

das forças criativas. E se há livro que, em sua irreverência e desenvoltura de linguagem, represe uma enorme carga de forças liberadoras do espírito e da ação, é este **NOVAS CARTAS PORTUGUESAS**.

Entretanto, esse alcance não se mostra de imediato, à tona da palavra, mas vem amalgamado a uma extraordinária massa de vivências e reflexões que, embora radicadas no real, só se revelam realmente se compreendidas em seu simbolismo, e decifradas em sua ambigüidade. Daí a natural perplexidade dos que leram estas **NOVAS CARTAS PORTUGUESAS**, sem o prévio e indispensável conhecimento da revolução que se vem processando na literatura portuguesa, principalmente nestes últimos quinze anos. Esses leitores, sem dúvida, terão estranhado a forte reação das autoridades portuguesas, pois o livro, afinal, não é “político” (no sentido comum de “partidarismo”), mas amoroso ou erótico (como se o quiser interpretar. .) Fala de amor, de paixão, e de rebelião amorosa/existencial pela voz de três mulheres (ou da Mulher?) com o despudor agressivo, atrevido e incompaciente a que a literatura moderna já nos acostumou, e que aqui, longe de ser gratuito ou pornográfico como muitos, vem revestido do mais alto espírito poético e criador.

Seria, pois, apenas de natureza moralista a celeuma causada por estas “cartas” em Portugal? Realmente espanta, a quem as lê nestas alturas do século (quando dos valores morais tradicionais já nada mais resta inquestionável), que tal celeuma tivesse transposto as fronteiras do país e chegado a outras nações, onde desencadeou protestos veementes dos intelectuais atentos à realidade portuguesa. (Cite-se entre nós o protesto liderado por Ruth Escobar).

Tinham razão as “três Marias”, — as jovens autoras de *Maina Mendes*, *Ambas as Mãos Sobre o Corpo* e *Os Legítimos Superiores*, quando disseram: “de ingratas seremos acusadas, estranhas parecendo, logo desencadeando bravas guerras por *literárias tidas* porém de *raiz mais funda*. ” Sabiam bem o terreno perigoso que estavam palmilhando. A verdade é que a leitura de suas “cartas” desencadeia inevitáveis interrogações que ultrapassam o “literário”

O que poderiam trazer de tão perigoso em suas palavras, estas **NOVAS CARTAS PORTUGUESAS**, que tomaram como núcleo geratriz a aparentemente desvalida personalidade amorosa de Soror Mariana do Alcoforado do século XVII? Por que as apaixonadas e radicais atitudes em face do amor, nelas tão veementemente inscritas pelas três Marias, iriam causar tal escândalo público, nestes tempos, quando todos os tabus já ruíram (pelo menos ao nível da nova concepção-demundo em plena fermentação)? Como poderiam elas ameaçarem o Sistema de Segurança Nacional? Estas e outras são perguntas que pode-

riam ter surgido. e que continuarão a surgir, enquanto permanecermos no nível epidérmico da leitura ou na superfície das palavras, sem mergulharmos na espessura dramática de sua essencialidade. No momento em que adentrarmos em sua matéria outros significados irão aflorando, pois sua funda verdade não está numa simples identificação de destinos com o da grande amorosa Soror Mariana, mas sim numa grande interrogação existencial que pode, realmente, abalar os sistemas. Como diz o final da Primeira Carta I:

Só de nostalgias faremos uma irmandade e um convento,
Soror Mariana das cinco cartas.

Só de vinganças, faremos um Outubro, um Maio, e novo
mês para cobrir o calendário. *E de nós, o que faremos?*

Está evidente aí que a atitude assumida pelas “três Marias” não é a do simples saudosismo “nostalgias” tão próprio da natureza lusitana, e que na maior parte das vezes encobre uma radical recusa de enfrentar um presente frustrador, com a conseqüente fuga para o passado, onde a contemplação passiva substitui o dinamismo da ação. Nem muito menos essa atitude é a do gesto revolucionário (“vingança”) contra o cerceamento do pensamento livre, — o que redundaria apenas em mais uma data histórico/política (“Outubro”, “Maio”, “novo mês”). Mas é algo que vai mais longe, — afunda raízes em projeto muito mais profundo: o de abalar a base das relações homem/mulher, tal como foram consagradas pela tradicional civilização ocidental, — cristã e patriarcal, e que lhe servem de alicerce (relações que em Portugal se identificam com o “marialvismo”): (“E de nós, o que faremos?”).

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS é, pois, o livro que a nosso ver ficará com um depoimento para o futuro, — como um importante marco literário/histórico/cultural a destacar-se entre os demais indícios que, em todo o mundo, vêm revelando a metamorfose que está sendo vivida pela Mulher em nosso século. Bem conscientes estão as “três Marias” desse valor latente em suas palavras. O primeiro parágrafo do volume já o diz claramente:

Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. (.) Mas não deixa a paixão de ser a força e o exercício o seu sentido.

Pela “força da paixão” que as alimenta e pelo “sentido do exercício” que as estrutura em matéria verbal, estas **NOVAS CARTAS PORTUGUESAS** são mais do que um depoimento inteligente, apaixonado e fascinante sobre as relações homem/mulher. São um documento insofismável de que a Mulher já está em pleno domínio da vida intelectual consciente, superando gradativamente milênios de permanência em plano secundário ao homem, quanto à consciência de sua valia como Ser.

Aqui, neste “exercício de paixão”, as três Marias recusam com veemência a milenar condição de sub-ser, que as várias civilizações impuseram à Mulher, e mostram às claras o árduo caminho que a levará ao encontro de sua própria Verdade.

Assim, para entendermos o “sub-texto” das escaldantes “cartas”, poemas, “relatórios”, fragmentos de vida, “redações escolares”; etc., que compõem esta singular produção literária, é indispensável que entremos nela tendo presente no espírito a milenar sub-condição em que viveu a mulher até hoje. É preciso que a relembremos desde os primórdios, como escrava ou ser-racional, e depois lentamente emergindo dessa condição quase animal; lentamente superando a vida instintiva, a intuitiva e/ou emotiva, que nela predominava, bloqueando a vida racional/intelectual. É preciso que avaliemos o seu caótico e duro caminhar quase às cegas no sentido de sua evolução interior, até entrar neste século, quando afinal ela já consegue transcender a limitada natureza que lhe atribuíram desde sempre. Tenta atingir o conhecimento de seu próprio “eu” e de seu lugar no mundo, avançando em seu processo de conscientização **EU/OUTRO** e procurando uma nova harmonia com a Vida, uma vez que a antiga está rompida e não há caminho de volta, por mais que muitas mulheres continuem tentando re-encontrá-lo.

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS são o fruto desse irreduzível fenômeno vivido hoje pela mulher-século **XX**: o fato de ter perdido uma situação interior definida e concreta (como a que lhe era proporcionada pela vida instintiva/intuitiva e pela total dependência do homem. .) e ver-se lançada em uma situação indefinida e incerta que, ao libertá-la social e economicamente da passiva dependência do homem, lhe exige em troca a difícil responsabilidade de opção e da ação, para a qual não foi preparada. Esta é a perspectiva que, a nosso ver, mais pode iluminar a leitura destas **NOVAS CARTAS PORTUGUESAS**, — a que não perca de vista a encruzilhada em que se encontra hoje a mulher, pressionada entre um ontem recusado e um presente a que se lança sem conhecer com nitidez os caminhos que se lhe oferecem para palmilhar. E mais, neles encontrando os enormes obstáculos visíveis ou invisíveis, que todo o Sistema levanta contra o seu avanço,

— obstáculos de que é exemplo o processo judicial iniciado contra as “três Marias”

As NOVAS CARTAS PORTUGUESAS trazem, pois, em seu bojo, um candente e fragmentado testemunho dessa caminhada árdua, dos tropeços que se lhe opõem e dos valores que já estão à vista para serem atingidos. É preciso que saibamos decifrá-los por entre a ambigüidade de sua escritura fragmentada e simbólica. Note-se, no entanto, que embora este feixe de “cartas” se revele um valioso testemunho de que a mulher-século XX já está em plena consciência de si mesma, isso não quer dizer que *todas as mulheres* de hoje estejam participando conscientemente desse processo de libertação e de auto-afirmação. Muito pelo contrário. O que tem sido comprovado pelos muitos e recentes estudos sobre o comportamento feminino atual, é o fato de que milhões e milhões de mulheres prosseguem ainda coniventes e auxiliando o perpetuar-se da milenar sujeição.

Apesar de se saber que complexas, diferentes e inevitáveis circunstâncias de caráter político-econômico-sociais (e mesmo da própria *natureza* feminina. .) estão contribuindo para isso, está fora de dúvida que há um fator predominante a atuar nesse instintivo desejo de *continuidade da submissão*, mostrado pela maioria das mulheres ainda hoje: é o *medo da liberdade*.

Até este século, praticamente desvalorizada ou ignorada em suas possibilidades intelectuais, via de regra ela foi impedida de desenvolver, em plenitude, sua potencialidade ou vontade livre e, conseqüentemente, de atingir sua maturidade integral. Daí ter-se habituado a buscar refúgio e/ou “status” no homem; — hábito que vem das origens e que não será nada fácil desarraigar, para que as relações homem/mulher adquiram enfim a nova e essencial dimensão que devem ter e que os novos tempos exigem.

Estas NOVAS CARTAS PORTUGUESAS são, neste sentido, um expressivo gesto de maturidade e de consciente auto-libertação. Daí a forte reação que provocou no sistema instituído. Libertação corajosa e nada fácil. A libertação, bem o sabemos, exige do indivíduo (homem ou mulher) o assumir com plenitude e consciência sua responsabilidade para consigo e para com os outros, — desde seu restrito núcleo familiar até a engrenagem global de seu meio social e profissional. À conquista dos direitos corresponde uma lúcida e imbatível responsabilidade moral. E isso assusta. A “lei do menor esforço” e o “medo à liberdade”, sem dúvida, estão entre os principais agentes que obstruem, para a mulher atual, os caminhos para a verdadeira conquista de si mesma e de sua correspondente atuação sobre o mundo novo que se está estruturando. Conquista que, a nosso ver, não tem

nada (ou terá muito pouco!) a ver com os movimentos feministas à la Betty Friedmann, com seus slogans de “ódio aos homens” Que não se confunda esse “ódio” feminista e espetacular, com as escaldantes invectivas contra o homem, inscritas nestas NOVAS CARTAS PORTUGUESAS:

Porque hoje quero dizer da crueldade. (.). Que todo rigor perante o homem será pouco e necessário é dizer-lhe isso. Não nos tomarão mais como guerreiros tomavam castelos em vitória, a fim de os habitar não só com leis, espada, mas também com vinho: vigor deles, abastança.

Mulher: abastança do homem sua semelhança, sua terra, seu latifúndio herdado.

De secretas coisas acusarão o trio, nós os assustaremos na recusa de lhes sermos presa”. (p. 97).

Confronte-se essa veemente recusa com todo o fremente e violento Amor espalhado às mãos cheias nestas singulares páginas de NOVAS CARTAS PORTUGUESAS e ter-se-á idéia da árdua luta que está sendo travada pela Mulher no encalço da descoberta ou do reconhecimento de seu próprio Eu, principalmente por via do erotismo.

Nessa redescoberta está, a nosso ver, um dos caminhos que levarão a humanidade à redescoberta do Mundo e da Vida.